



## Algumas considerações sobre *Memórias do Subsolo* a partir de um referencial nietzscheano

---

Cassiano Clemente Russo do Amaral<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende apresentar uma leitura do texto de *Memórias do Subsolo* a partir de algumas considerações de Nietzsche sobre o tema do niilismo. Aqui toma-se como perspectiva de leitura a questão do esbanjamento de forças em um contexto de pura negatividade, marcado pela vigência do niilismo e da *décadence*. Fazendo um paralelo destas observações com o relato do homem do subsolo, é possível pensar o personagem de Dostoiévski como um tipo para o qual a questão sobre um máximo de forças se situa em um plano essencialmente reativo, em um registro que tem o niilismo como a própria “lógica da *décadence*”, segundo as palavras de Nietzsche. Dito isso, não interessa aos propósitos deste trabalho investigar se Dostoiévski foi niilista, uma vez que esse problema não interessou a Nietzsche. O que interessa é identificar o niilismo em um personagem específico, de uma obra específica, e analisá-lo a partir de categorias nietzscheanas.

**Palavras-chave:** Nietzsche. Dostoiévski. *Memórias do Subsolo*.

**Abstract:** This article intends to present a reading of the text “*Notes from Underground*” as from some Nietzsche considerations on the subject of nihilism. Here it is taken as a perspective of reading the issue of the squandering of forces in a context of pure negativity, marked by the effect of nihilism and *décadence*. Paralleling these observations with the account of the underground man, it’s possible to think Dostoevsky character as a kind of man for whom the question about the maximum of forces situate himself in an reactive plane, in a record, in the words of Nietzsche, that had nihilism like the proper “logic of *décadence*”. Saying this, don’t interest to the purposes of this study to investigate if Dostoevsky was a nihilist, since this problem did not interest Nietzsche. The point is to identify nihilism in a particular character, of a specific work, and analyze it from categories of Nietzschean philosophy.

**Keywords:** Nietzsche. Dostoevsky. *Notes from Underground*.

### 1. Breve caracterização do niilismo

O objetivo deste artigo é pensar o texto de *Memórias do Subsolo* a partir de uma leitura nietzscheana tendo-se em vista os conceitos de niilismo e de *décadence*. Com este foco, o personagem de Dostoiévski é apresentado como um tipo marcadamente niilista, em sentido nietzscheano, podendo ser concebido como uma natureza com sintomas característicos de uma vontade sob domínio da negatividade, marcada pela aparição da *décadence* e de suas manifestações.

Em vista da proposta de se pensar a negatividade do personagem de *Memórias do subsolo* a partir de um referencial nietzscheano, este tópico deve abordar o tema do niilismo no pensamento de Nietzsche, uma vez que tal assunto é a base da discussão deste trabalho.

---

<sup>1</sup> Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista CAPES. Orientador: Prof. Dr. José Fernandes Weber. E-mail: cassiano.russo@hotmail.com.



Este texto parte da concepção de que o niilismo é descrito e comentado por Nietzsche como um movimento de negação da vida, um processo que move a história do ocidente, à medida que o homem experimenta o vazio de sentido como consequência da desvalorização dos valores supremos, os quais se dispunham, *in physiologicis*, como exigências para a conservação “de uma determinada espécie de vida” (NIETZSCHE, 2009, p. 11) que, segundo Nietzsche, possuía na crença nas categorias da razão, tais como fim, unidade e ser, interpretações de vontades de poder marcadas por formações de domínio que visavam a esconder o nada, mediante a concepção de que uma dada interpretação fosse a própria verdade. Segundo o autor, “nós medíamos o valor do mundo em categorias *que diziam respeito a um mundo puramente fictício*” (NIETZSCHE, 2008, p. 33, *itálico nosso*).

Com esse sentimento de desvalorização dos valores supremos – característico do niilismo em sua forma negativa, segundo a terminologia deleuziana – o caráter total da existência passa a ser interpretado sem os conceitos que, numa dada perspectiva valorativa, como, por exemplo, a do cristianismo, constituíam a base de uma interpretação tida como dada, objetiva, e que se caracterizava por valorações que tinham nas palavras Deus, salvação, juízo final, o seu “*ter-por-verdadeiro*” (NIETZSCHE, 2008, p. 34), isto é, a sua crença<sup>2</sup>. Como consequência dessa desvalorização, o homem percebe não alcançar a esfera na qual depositou os seus valores: “Com isso, a outra esfera, na qual vivemos, ainda não ganhou, *de modo algum*, em valorização: ao contrário, estamos cansados porque perdemos o nosso principal impulso [*Antrieb*]” (NIETZSCHE, 2008, p. 30). Neste contexto, resta-nos a ausência de valor, a falta de sentido, como decorrência da compreensão de que, por trás dos mais altos valores, estão juízos de valor que são condenações, negações da vida. Como afirma Deleuze:

Não há nada para ser visto atrás da cortina...aqui se está sozinho com a vida [...] que procede agora num mundo sem valores, desprovida de sentido e de objetivo, rolando sempre para mais longe, em direção ao seu próprio nada. (DELEUZE, 1976, p. 124).

O niilismo, neste caso, se manifesta como estado psicológico na condição de um enfraquecimento, quando “procurarmos em todo acontecimento um ‘sentido’ que não há aí [...] Niilismo é então o tornar-se consciente do grande e duradouro *desperdício* de força, o tormento do ‘em vão’ [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 31). Aqui não há mais

---

<sup>2</sup> No parágrafo 15 da *Vontade de Poder*, afirma Nietzsche: “Que é uma *crença*? Como ela surge? Cada crença é um *ter-por-verdadeiro*”.



espaço para a ilusão de um pretenso fim, de uma suposta ordenação do mundo rumo a algo que deva ser alcançado. A essa concepção soma-se a descrença do homem, na medida em que, por meio dele, não age um todo infinitamente valioso, assim como não há mais escapatória para um mundo verdadeiro, restando apenas a situação patológica de uma “descomunal generalização, a conclusão de não haver mais *nenhum* sentido *absolutamente* [der Schluss auf gar Keinen Sinn]” (NIETZSCHE, 2008, p. 33), ficando-se, deste modo, reduzido ao “pessimismo da fraqueza.” (DELEUZE, 1976, p. 124).

Nietzsche afirma que depois que o homem aprendeu a desacreditar em uma autoridade sobre-humana, ele ainda buscará outras autoridades: razão, instinto social, a crença no “progresso, na ciência, na razão” (ARALDI, 2004, p. 113), socialismo, “igualdade da pessoa” (NIETZSCHE, 2008, p. 39) como tentativas de escapar do niilismo sem transvalorar os valores, o que, segundo o filósofo, torna o problema ainda mais grave, pois o que se tem, nesse caso, é uma tentativa de auto-entorpecimento do homem diante do nada (niilismo passivo), mediante o imperativo de uma vontade fraca<sup>3</sup>, desprovida da capacidade de destruição do niilismo em sua forma ativa.<sup>4</sup> Segundo Nietzsche:

A força do espírito pode estar fatigada, *esgotada*, de modo que os fins e os valores de até então são inadequados e não encontram mais nenhum crédito -, de modo que a síntese dos valores e dos fins [...] dissolve-se, de maneira que os valores fazem guerra, isoladamente, uns aos outros: esfacelamento -, de modo que tudo o que refresca, cura, apazigua, entorpece, vem para o primeiro plano, sob diversos disfarces: religioso, ou moral, ou político, ou estético etc. (NIETZSCHE, 2008, p. 37).

Essa oposição dos valores, resultante da dissolução da síntese dos valores e dos fins, apresenta a sua condição fisiológica mediante o problema da força e da debilidade

<sup>3</sup> Nietzsche concebe o mundo como caos, enquanto soma “das forças factualmente dadas” (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 101). Dito isto, o caos compreende duas dimensões: 1) uma negativa, como falta de força plástica de ordenação a partir de uma vontade afirmativa; 2) uma positiva, enquanto característica do mundo, permitindo-se vislumbrar a falsidade de teorias que concebem o mundo a partir de categorias como ser, unidade e fim.

<sup>4</sup> Neste contexto, o niilismo é ambíguo, podendo ser um sinal de poder incrementado do espírito: como niilismo ativo; ou decadência e recuo do poder do espírito: niilismo passivo. No primeiro caso, ele pode ser “um sinal de *fortaleza*: a força do espírito pode ter crescido tanto que os fins *de até* então (‘convicções’, artigos de fé) tornam-se inadequados.” (NIETZSCHE, 2008, p. 36). Nesta conotação, “o niilismo se radicaliza necessariamente na forma da vontade de destruir, de aniquilar e de ultrapassar o mundo dos valores arruinados” (ARALDI, 2004, p. 114). Daí a afirmação de Nietzsche, segundo a qual essa forma de niilismo alcança o seu máximo de força relativa como força violenta de destruição. Em contrapartida, o niilismo passivo se caracteriza pelo cansaço, pelo enfraquecimento do poder de ataque. Trata-se de uma natureza na qual predomina a dissolução de uma determinada constituição hierárquica.



em um organismo marcado pela desilusão frente a uma efetividade que fora, até então, condenada. Segundo Nietzsche, os fracos arrebatam com isso; os mais fortes destroem o que não arrebatam, e os mais fortes de todos “superam os valores de juízo.” (NIETZSCHE, 2008, p. 43).

Sem querer adentrar a problemática da força e da debilidade nos três casos citados por Nietzsche<sup>5</sup>, o ponto que aqui interessa diz respeito a uma dessas relações com o problema em questão: o do modo como o fraco, ou o conjunto de suas pulsões, se relaciona com a desvalorização dos valores supremos. Para isso, faz-se necessária a compreensão do conceito de *décadence*, uma vez que a dissolução anárquica dos instintos - ao longo da história dos valores mais elevados - é conduzida pela vontade nihilista. Em Nietzsche, a *décadence* é compreendida como:

Processo de degeneração, dissolução anárquica de uma concreção vital, cuja estrutura e coesão consiste na hierarquia das forças que a constituem. Uma formação orgânica decadente caracteriza-se, pois, como uma unidade em desagregação, cujas partes tendem à ‘anarquia dos elementos’, à dissolução da totalidade que outrora constituíam. (GIACOIA, 2000, p. 21).

No caso de formações vitais dotadas de maior grau de complexidade e organização, a *décadence* configura-se nas relações entre forças, expressando-se como crise dos valores. O niilismo, neste caso, constitui não a causa dessa degeneração, mas sim a sua lógica, uma vez que “tal processo é conduzido pela ‘vontade de Nada.’” (GIACOIA, 2000, p. 23).

No âmbito da moral, tal processo se situa em concordância com as valorações, uma vez que, nos juízos de valor dominantes, há uma proeminência da *décadence* enquanto formação de domínio (Herrschaftsgebilde) no poder, o que, expresso em linguagem fisiológica, se traduz em um “agir da resistência e da reação” (NIETZSCHE, 2008, p. 331), isto é, passivamente<sup>6</sup>.

Assim, o que se poderia tomar como causas da *décadence*, como, por exemplo: o vício, a doença, a esterilidade, a libertinagem - “(também a *espiritual*)” (NIETZSCHE, 2008, p. 44) - são, no entanto, a sua conseqüência, assim como o

---

<sup>5</sup> Aqui cabe observar que a referência a esse três modos de se relacionar com o niilismo não será abordada neste trabalho, sendo a sua citação apenas uma contextualização, pois o que interessa neste texto é a questão da negatividade relacionada ao tema do subsolo. Para isto, o caso dos mais fracos parece suficiente, visto que o homem do subsolo é um “arrebatado”, como se poderá notar mais adiante.

<sup>6</sup> No parágrafo 657 de *A Vontade de Poder*, Nietzsche diz: “O que é ‘passivo’? Ser *tolhido* no movimento que avança açambarcando: portanto, um agir de resistência e da reação.”



pessimismo proveniente da compreensão de que não temos nenhum direito de acrescentar ao mundo um “verdadeiro” também é apenas “[...] a expressão de uma *décadence* fisiológica” (NIETZSCHE, 2008, p. 43), a qual se manifesta pelas mais variadas tentativas de se conter o declínio, a degeneração, tais como os métodos de cura psicológicos e morais. Sobre isso afirma Nietzsche:

Os métodos de cura, psicológicos e morais, não modificam o curso da *décadence*, eles não a detêm, são fisiologicamente *nulos* [...]. Entendimento da *grande nulidade* dessas ‘reações’ arrogantes; trata-se de formas de narcose contra certos fenômenos - consequências fatais; elas não extraem o elemento mórbido; são frequentemente tentativas heróicas de anular o homem da *décadence*, de conseguir um mínimo de sua perniciosidade. (NIETZSCHE, 2008, p. 45).

Todas essas características constituem, segundo Nietzsche, o modo de ser de uma determinada configuração, marcada pela negatividade própria de uma natureza essencialmente debilitada, a qual, diante do nada, se encontra em um estado de completa conturbação, devido à sua própria constituição enquanto tipo. Eis um modo de se relacionar com o problema da desvalorização dos mais supremos valores, próprio do niilismo em sua forma passiva.

Feitas estas observações, tratemos de demonstrar como a negatividade aparece no personagem de Dostoiévski.

## 2. O homem do subsolo

Tomando-se como perspectiva de leitura a questão do esbanjamento de forças em um contexto de pura negatividade, marcado pela vigência do niilismo e pelas tentativas de auto-entorpecimento próprias de uma natureza decadente, esta passagem do trabalho pretende expor alguns trechos das *Memórias do Subsolo*, tendo como fio condutor o problema da doença, uma vez que, no estado de morbidez do subsolo, é possível verificar a coincidência de temas e problemas com várias reflexões de Nietzsche a respeito do niilismo em uma natureza debilitada. Para isto, talvez valha a pena começar pela negatividade expressa pela própria condição doentia do personagem, quando este, no início de seu relato, afirma ser um homem doente:

Sou um homem doente [...]. Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado. Aliás, não entendo níquel da minha doença e não sei, ao certo, do que estou sofrendo. Não me trato e nunca me tratei, embora respeite a medicina e os médicos [...]. Não,



se não quero me tratar, é apenas de raiva. Certamente não compreendeis isto. Ora, eu compreendo. Naturalmente não vos saberei explicar a quem exatamente farei mal, no presente caso, com a minha raiva; sei muito bem que não estarei a ‘pregar peças’ nos médicos pelo fato de não me tratar com eles; sou o primeiro a reconhecer que, com tudo isto, só me prejudicarei a mim mesmo e a mais ninguém. Mas, apesar de tudo, não me trato por uma questão de raiva. Se me dói o fígado, que doa ainda mais. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p.15).

Em conformidade com a afirmação de Homero Silveira, de que as obras de Dostoiévski versam sobre todas as misérias, de um “sem número de homens subterrâneos” (SILVEIRA, 1970, p. 4), mais particularmente no que se refere aos “tipos enfermos” (SILVEIRA, 1970, p. 4), é notável como o tema da doença aparece logo nas primeiras palavras do personagem do subsolo, ao se reconhecer como alguém que sofre do fígado e, ao mesmo tempo, não sabe ao certo do que padece. Em linguagem nietzscheana, podemos conceber – em termos aproximativos – a doença deste personagem como característica de uma época em que o homem é tido como um fraco, pois nele não vibram mais as “forças vitais autênticas” (GIACCOIA, 2001, p. 89), mas apenas a condição fisiológica de uma extrema debilidade proveniente de um organismo marcado pelo “exagero, a desproporção, a desarmonia” (NIETZSCHE, 2008, p. 47) que constituem um estado “doentio” (NIETZSCHE, 2008, p. 47), como na passagem seguinte à afirmação de sua condição enferma, quando o homem do subsolo constata a existência de muitos estados contrários dentro de si mesmo, a ponto de o personagem chafurdar na imundice justamente nos momentos em que melhor aprecia todas as “sutilezas do ‘belo e do sublime’” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 19). Conforme ressalta Dostoiévski:

Digam-me o seguinte: por que me acontecia, como se fosse de propósito, naqueles momentos – sim, exatamente naqueles momentos em que eu era capaz de melhor apreciar todas as sutilezas do ‘belo e do sublime’, como outrora se dizia entre nós -, por que me acontecia não apenas conceber, mas realizar atos tão feios, atos que [...] bem, numa palavra, atos como os que todos talvez cometam, mas que, como se fosse de propósito, me ocorriam exatamente nos momentos em que eu mais nitidamente percebia que de modo algum devia cometê-los? Quanto mais consciência eu tinha do bem e de tudo o que é ‘belo e sublime’, tanto mais me afundava em meu lodo, e tanto mais capaz me tornava de imergir nele por completo. Porém o traço principal estava em que tudo isso parecia ocorrer-me não como que por acaso, mas como algo que tinha que ser. Dir-se-ia que este era meu estado normal [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 19).



Segundo a passagem sobredita, a existência de estados interiores contraditórios ocorria como estado normal, em um homem marcado pela doença, pela “oscilação e a falta de peso” (NIETZSCHE, 2008, p. 46) características de uma “vontade fraca” (NIETZSCHE, 2008, p. 46), em que a multiplicidade e a desagregação dos impulsos, para usar uma linguagem nietzscheana, constituíam uma natureza débil, marcada pelo declínio, a degeneração, - a “debilidade da vontade” (NIETZSCHE, 2008, p. 46) - como o modo de ser de um tipo decadente que busca o antídoto para a *décadence* na experiência estética do belo e do sublime, como o seu refresco, o seu método de cura, contra a própria degeneração. Segundo Nietzsche, os métodos de cura “não modificam o curso da *décadence* [...] são fisiologicamente *nulos*.” (NIETZSCHE, 2008, p. 45). Daí o niilismo em sua forma passiva como um sinal de fraqueza:

A força do espírito pode estar fatigada, *esgotada*, de modo que os fins e os valores de até então são inadequados e não encontram mais nenhum crédito -, de modo que a síntese dos valores e dos fins (sobre a qual cada cultura forte repousa) dissolve-se, de maneira que os valores fazem guerra, isoladamente, uns aos outros: esfacelamento -, de modo que tudo o que refresca, cura, apazigua, entorpece, vem para o primeiro plano, sob disfarces diversos [...]. (NIETZSCHE, 2008, p.37).

Neste contexto, o apaziguamento, o entorpecimento, de uma natureza declinante como tentativa de embriaguez - aqui manifesta como apreciação de tudo o que é “belo e sublime” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 19) – não resulta, de acordo com Nietzsche, em superação da *décadence*, pois as “tentativas de escapar do niilismo sem transvalorar aqueles valores produzem o contrário: tornam o problema mais agudo.” (NIETZSCHE, 2008, p. 38). Em termos subterrâneos, a fuga do personagem em tudo aquilo que é belo e sublime representa apenas um caso da desorganização dos valores, ou das pulsões, caso esse expresso pela situação paradoxal de alguém capaz de desempenhar o “último dos papéis. Herói ou imundice.” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 71).

O agravamento da crise, neste caso, pode se traduzir pela condição de alguém que, por se ver como herói, em seus momentos de auto-entorpecimento, acredita poder chafurdar na imundice, sem, contudo, praticar algo deplorável. Tal crença do personagem decorre do fato de o seu refúgio – a contemplação de tudo o que é belo e sublime – se constituir em uma espécie de antídoto necessário para a torpeza da “imundice” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 71). No entanto, o próprio remédio aqui se torna uma espécie de veneno, pois o “belo e sublime” apenas mais um sintoma de



degeneração, de “decadência e recuo do poder do espírito” (NIETZSCHE, 2008, p. 36) em contexto niilista.

Outra passagem ilustrativa para o problema do niilismo em uma natureza sob regime de *décadence* diz respeito à impossibilidade de o personagem se situar em um registro positivo, posto que, em uma natureza declinante, a negatividade constitui o seu “ato criador” (NIETZSCHE, 2009, p. 26). Neste sentido, é notável como a própria incapacidade de se definir positivamente atravessa o discurso do homem do subsolo, quando este, ao se imaginar detentor de uma propriedade positiva, afirma: “respeitar-me-ia justamente porque teria a capacidade de possuir [...] uma propriedade como que positiva.” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 31).

Desse modo, o niilismo, expresso no sentido passivo, - enquanto fraqueza do espírito, enquanto esgotamento - se relaciona com o problema da força e da debilidade na medida em que o personagem apresenta sintomas característicos de uma natureza em *décadence*, como, por exemplo, um caráter sabotador e destrutivo, que se manifesta, segundo Nietzsche, pela perda da força de resistência contra os estímulos, ficando-se “condicionado pelos acasos” (NIETZSCHE, 2008, p. 45) e, concomitantemente, com as vivências vulgarizadas e exageradas “até o descomunal.” (NIETZSCHE, 2008, p. 45). Com isso, pode-se dizer que aquilo que Nietzsche comenta como desagregação da vontade, como “despersonalização” (NIETZSCHE, 2008, p. 45) de uma “espécie na qual o essencial é a debilidade [...], de modo que ela ressoa e vibra constantemente como uma corda superexcitada [...] uma extrema irritabilidade [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 45) também ocorre no caso do personagem de Dostoiévski, uma vez que a constante antecipação do discurso do outro - uma constante ao longo de sua narrativa - também é sintoma de declínio na forma de uma “corda superexcitada” (NIETZSCHE, 2008, p. 45), podendo-se pensá-la, no contexto de uma negatividade originária, como negação de toda alteridade.

Essa característica pode ser diretamente percebida nas passagens em que o personagem se dirige aos seus supostos ouvintes, como, por exemplo, quando ele se justifica perante os seus interlocutores ao falar de sua maldade.

Menti a respeito de mim mesmo quando disse que... era um funcionário maldoso. Menti de raiva. Eu apenas me divertia...nunca pude tornar-me mau. A todo momento constatava em mim a existência de muitos e muitos elementos contrários a isso. Sentia que esses elementos contraditórios realmente fervilhavam em mim. Sabia



que eles haviam fervilhado a vida toda e que pediam para sair, mas eu não deixava. Atormentavam-me até a vergonha, chegavam a provocar-me convulsões [...]. Não vos parece que eu, agora, me arrependo de algo perante vós, que vos peço perdão? [...] estou certo de que é esta a vossa impressão [...]. (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 16).

Neste ponto, a questão sobre o máximo alcance de forças em uma natureza negativa ascende ao primeiro plano, uma vez que, no processo de *décadence*, expressa pelas condições acima comentadas, o que ocorre é um extremo empobrecimento de um organismo, resultante do esbanjamento em um contexto em que não reagir seria mais saudável. Como afirma Nietzsche:

A força de uma natureza mostra-se no aguardar e adiar de uma reação: uma certa ‘indiferença’ é-lhe tão própria como é própria à debilidade a não-liberdade em relação ao movimento reativo, ao repentino, à inexorabilidade da ‘ação’[...]. (NIETZSCHE, 2008, p. 46).

De acordo com as palavras de Nietzsche, o personagem de Dostoiévski seria um tipo marcado pela incapacidade de não-reação, situando-se em um registro marcadamente reativo, posto que a negatividade, enquanto doença, manifesta-se mediante a negação do outro, e, conseqüentemente, como extrema irritabilidade de um organismo degenerado, cuja resistência aos estímulos exteriores é reduzida, uma vez que o seu instinto de auto preservação encontra-se prejudicado pela constituição de um processo de declínio, guiado pela vontade niilista.

Por fim, o artigo procurou expor algumas indicações referentes à negatividade do personagem das memórias em um contexto que apresenta o niilismo e a *décadence* como os dois referenciais para uma leitura de um texto marcado por um “nada intencional” (STEINER, 2006, p. 167), podendo-se pensá-lo em proximidade com a afirmação de Gilles Deleuze sobre o ato fundador da literatura russa, que consistiu em dar nascimento a personagens que estão “suspensos no nada, que só sobrevivem no vazio” (DELEUZE, 1997, p. 94), como o homem do subsolo, enquanto tipologia de uma possível leitura nietzscheana de Dostoiévski.

## Referências

- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução Edmundo Fernandes Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.



- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do Subsolo*. Tradução Boris Schaiderman. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche como Psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A Doutrina da Vontade de Poder em Nietzsche*. Tradução Oswaldo Giacoia. São Paulo: Annablume, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Além do Bem e do Mal*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Genealogia da Moral*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Vontade de Poder*. Tradução Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. *A genealogia de Nietzsche*. Curitiba: Champagnat, 2005.
- SILVEIRA, Homero. *Três Ensaios Sobre Dostoiévski*. São Paulo: Martins, 1970.
- STEINER, George. *Tolstói ou Dostoiévski*. Tradução Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006.